

7.09.99 - Ciência Política

A CONTRADIÇÃO DO REAL: UMA ANÁLISE EXPLORATÓRIA SOBRE O MOVIMENTO NEGRO EM SOROCABA-SP

Matheus Henrique H. dos S. Fagundes¹, Luciana F. Tatagiba²

1. Estudante do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Estadual de Campinas (IFCH-UNICAMP)

2. Professora do IFCH-UNICAMP - Departamento de Ciência Política/Orientadora

Resumo

Esta pesquisa tem o intuito de discutir os dilemas e obstáculos que o movimento negro, em uma escala local, enfrenta para se organizar e engajar. Para isso, foram realizadas entrevistas semiestruturadas com lideranças do movimento negro em Sorocaba-SP, além de etnografias nos circuitos desses atores em conjunto a uma análise descritiva e exploratória do movimento no contexto entre 2019-2020, observando as redes, conquistas, perdas e desafios que os atores e organizações têm enfrentado. Os objetivos são os de procurar entender o engajamento do movimento negro; os atores, redes e circuitos e a formação e difusão da identidade negra e sua relação com esse ativismo.

Autorização legal: Número CAAE: 31809220.0.0000.8142

Palavras-chave: Movimentos Sociais, Ação Coletiva, Questões Raciais

Apoio financeiro: Bolsa-Pesquisa SAE-Unicamp

Trabalho selecionado para a JNIC: UNICAMP

Introdução

Esta pesquisa foi realizada na cidade de Sorocaba-SP e é a continuação de uma Iniciação Científica anterior com o mesmo foco – o de estudar o movimento negro na cidade – porém com diferentes entrevistados. O trabalho se insere em um projeto coletivo realizado no âmbito do Núcleo de Pesquisa em Participação e Ação Coletiva da Unicamp (NEPAC), que busca pensar, na perspectiva da Ciência Política, a importância da questão racial dentro dos movimentos sociais para o debate sobre democracia e participação no Brasil, uma vez que não há uma tradição de estudos sobre raça na área.

A primeira motivação que justifica a escolha desse tema é a observação de que ao estudar o movimento negro, em geral, temos pesquisas realizadas em capitais, grandes centros ou uma discussão mais teórica e historiográfica (DOMINGUES, 2007; RIOS, 2010). O movimento em escala local, nas cidades menores, sem grandes recursos ou atenção nacional ainda é incipiente nas pesquisas atuais. Além disso, o atual contexto brasileiro – de avanço conservador, crise econômica, crise da representação e crise do campo progressista – geram hipóteses e dúvidas sobre como esse movimento tem lidado com essas questões.

Para tanto, procuro trazer no corpo desta pesquisa o que classifico enquanto dilemas e obstáculos, sendo eles: 1) a questão da fragmentação das redes historicamente construídas; 2) o desafio do engajamento e a luta pela sobrevivência individual; 3) a relação com as instituições e os partidos; 4) o dilema entre fazer cultura e/ou política – em meio ao crescimento dos debates interseccionais; e por fim, 5) o dilema geracional, entre antigos militantes e a juventude.

Os objetivos são os de procurar entender o engajamento do movimento negro; os atores, redes e circuitos e a formação e difusão da identidade negra e sua relação com esse ativismo. Com isso, procuro contribuir para uma análise sobre práticas e sentidos do movimento negro contemporâneo, focando o olhar em uma escala local, acompanhando seus circuitos e ouvindo as vozes de quem o integra. Procuro aqui olhar para os territórios, organizações e indivíduos, observando seus desafios e potencialidades, utilizando análises descritivas e exploratórias, junto à abertura aos entrevistados de compartilharem suas impressões e dilemas.

Metodologia

A metodologia empregada foi a de etnografia nos circuitos do movimento negro local, como feiras, reuniões, protestos, formações entre outros espaços. Além disso, em conjunto, foram feitas entrevistas com 4 lideranças de organizações reconhecidas pela negritude da cidade. A escolha destes atores levou em consideração seus enraizamentos na política negra local. Por fim, foram feitas revisões bibliográficas sobre esse movimento tanto a nível local quanto nacional.

Dentre os entrevistados, temos Cida Costa, que possui 63 anos. Ela é avó, mãe e está cursando Serviço Social pelo Ensino à Distância (EaD) da Faculdade Ipanema de Sorocaba. Atualmente sua principal militância é no Conselho de Segurança Pública da Zona Norte (CONSEG) enquanto presidenta. Militante histórica do movimento negro da cidade, começou o seu ativismo na Associação de Moradores da Vila Nova Sorocaba e passou para o Conselho da unidade de saúde do bairro. Esteve na fundação do Conselho Municipal de Participação e Desenvolvimento da Comunidade Negra de Sorocaba e já foi conselheira

do Clube Negro 28 de Setembro – o primeiro e único clube negro da cidade, fundando em 1945.

Outra entrevistada é Maria Luiza Alves dos Santos, 35 anos, mais conhecida como Luiza Alves. Ela é formada em pedagogia e atua enquanto coordenadora do Centro Cultural Quilombinho, que é uma Organização Não Governamental (ONG) que atende crianças e adolescentes com aulas de capoeira, pintura, maracatu, teatro, canto coral, reforço escolar e provendo alimentação para os mais pobres. Tudo com foco no resgate e manutenção das tradições africanas e afro-brasileiras. Luiza trabalhou também durante quatro anos no mandato do vereador Irineu Toledo, do Partido Republicano Brasileiro (PRB). Ela é filha de Rosângela Alves, que foi fundadora do Quilombinho, fundadora do Conselho do negro e ex-conselheira do clube 28 de Setembro. Rosângela foi uma militante histórica e reconhecida na cidade, falecendo em 2017.

Entrevisto também Jorge Santos, 36 anos, e que está cursando direito pelo EaD da Fundação Getúlio Vargas (FGV). É presidente da União de Negros pela Igualdade (UNEGRO) em Sorocaba e também cabelereiro há 17 anos, sendo dono do salão Talento Afro. Segundo Jorge, a proposta da UNEGRO é de unir militantes do movimento negro para articular a luta contra o racismo, a luta de classes e combater as desigualdades de gênero. Trabalhou até 2019 no mandato do vereador Renan Santos, do Partido Democrático Trabalhista (PDT).

Por fim, outro entrevistado é Zé Marcos, 48, presidente do Conselho de Participação e Desenvolvimento da Comunidade Negra de Sorocaba; atuou nos mandatos do ex-vereador Hamilton Pereira, do Partido dos Trabalhadores (PT), e da ex-deputada federal Iara Bernardi (PT). Fez parte da direção do Sindicato dos Metalúrgicos de Sorocaba e do conselho nacional e estadual de saúde. Militou também durante muitos anos no movimento de pessoas que vivem com HIV.

Resultados e Discussão

Em primeiro lugar, é importante afirmar aqui que o movimento negro não é uma entidade ou um movimento só. É a capoeira, o samba, o hip-hop, clubes, imprensa, academia, educadores, advogados, organizações sociais, esportistas entre muitos outros atores e instituições. Suas diferentes práticas estão dentro do guarda-chuva geral que seria o movimento negro. Não se pode falar em uma única organização ou liderança enquanto sinônimo desse movimento, mas sim em diversas, que apontam uma pluralidade de práticas, noções e espaços; todos com o foco na luta antirracista (DOS PASSOS; NOGUEIRA, 2014). Em Sorocaba existem diversos atores que se identificam enquanto parte desse conjunto de movimentos negros, realizando, cada um, uma atividade diferente, mas com o intuito – direto ou indireto – de dialogar com a história negra, cultura e a política, a fim de transmitir saberes, posicionamentos, se expressar, oferecer apoios à sobrevivência individual, entre muitas outras ações. Na pesquisa anterior, cota 2018-2019, foram entrevistados indivíduos mais jovens e de outros movimentos, mas nesta privilegiou-se conversar com as lideranças e organizações de “maior prestígio” e que estão atuando há mais tempo.

Quanto às discussões feitas, inicialmente, temos os **circuitos** desse movimento. Entende-se circuitos enquanto locais onde as pessoas transitam e com isso, compartilham valores, saberes e informações (MCADAM; TARROW; TILLY, 2009). Quando falamos do movimento negro de Sorocaba, esses locais de encontro e troca são as batalhas de hip-hop, bem como a tradicional semana do hip-hop. Outro circuito é a Feira Crespa, que ocorre no centro da cidade, reunindo artistas, artesãos e coletivos. Nela, shows e apresentações são realizadas enquanto vendas de diversos produtos ocorrem. Os salões de cabelereiro também são pontos de referência, pois são locais de encontro, reconhecimento, oportunidade de emprego e até de fazer artístico. Os bailes funks, que também foram examinados nesta pesquisa, são circuitos da juventude negra e periférica, além de uma pauta local recorrente no noticiário. E por fim, o tradicional clube 28 de Setembro, onde ocorre premiações, festas e formações. Nessas ocasiões, pode-se encontrar a maior parte do conjunto do movimento negro na cidade, o que prova o reconhecimento e importância histórica do clube. Nesses circuitos, juventude negra e adultos engajados se encontram e circulam.

Em seguida, apresento as **redes**, que são pensadas como a “identificação de sujeitos coletivos em torno de valores, objetivos ou projetos em comum, os quais definem os atores ou situações sistêmicas antagônicas que devem ser combatidas e transformadas” (SCHERER-WARREN, 2006). A atuação do conjunto do movimento negro envolve um reconhecimento mútuo das diversas partes que o integram, que deriva de uma observação da atuação dos atores em seus respectivos espaços e também de um contato em momentos de reivindicações, protestos e formulação de pautas. Em Sorocaba, pode-se ver parte desse movimento em conjunto nos atos do dia 20 de novembro, na Feira Crespa, na semana do hip-hop e na defesa dos recursos para o carnaval, por exemplo. Outro motivo que leva à conformação dessas redes é o entrelaçamento de pautas que são importantes para diferentes atores: a Feira Crespa é importante por divulgar e movimentar financeiramente coletivos, empreendedores e artistas negros, mas também importa para aqueles que defendem uma maior participação da prefeitura no apoio às iniciativas negras, já que festas de outras comunidades étnico-raciais possuem ampla divulgação, apoios financeiros e de logística, como a feira japonesa e a festa italiana. A partir das entrevistas foi apresentado um movimento que reconhece os seus pares, mas traz nas falas uma dificuldade muito grande em estar e realizar atividades em conjunto, exibindo uma certa fragmentação na prática política, que pulveriza as reivindicações e enfraquece o conjunto, segundo os entrevistados.

Essa rede possui muitos desafios individuais e coletivos que influenciam na boa atuação de seus membros. Estes desafios podem ser lidos enquanto **obstáculos e dilemas** e são alguns dos pontos que influenciam em um enfraquecimento das redes, das atuações coletivas e individuais. Em seguida, pretendo apresentar essas questões resumindo o que está presente no texto final (que conta com transcrições das

entrevistas).

Obstáculos à atuação coletiva

Nas falas das entrevistas, o movimento negro da cidade está desorganizado. São convites para eventos sem presentes, demandas que tocam a negritude e que não recebem a devida atenção do conjunto do movimento, disputas internas entre os coletivos e atores, descontinuidades e perdas nas reivindicações, entre outros pontos levantados. A dificuldade em ser um “movimento negro unificado” é vista como uma questão significativa na realização do potencial de luta da negritude sorocabana.

Obstáculos financeiros

A questão financeira é possivelmente o maior desafio para o ativismo negro. Esse ponto é recorrente na fala dos militantes. Acredito que em todos os movimentos sociais o fator econômico é sinônimo de preocupação e atenção. No movimento negro, isso não seria diferente, pois também estamos falando sobre uma parcela da população que possui a menor renda e os empregos mais precários, afetando em muito suas possibilidades de engajamento. Em Sorocaba, esse obstáculo é citado como desagregador, pois, como diz Zé Marcos, “a minha necessidade de sobrevivência está acima da luta antirracista”. Anterior à problemática do engajamento, é preciso garantir a sobrevivência dos militantes. Com isso, nas falas, surgiram debates acerca do lugar do empreendedorismo nessas vidas, como alternativa, mas também como resposta ao racismo. A dificuldade em estar empregado é um fator decisivo para a busca em empreender, mas também para entrar no tráfico de drogas. Dentro disso, foi exposto a questão da vulnerabilidade na qual os jovens são expostos e como salões de cabeleireiro são alternativas crescentes, se relacionando à autoestima, reconhecimento e independência financeira. Outro ponto que surgiu com as entrevistas foi sobre o quanto o movimento negro é dependente de auxílios, editais e demais apoios externos, tendo sua sobrevivência, em muito, dependente do dinheiro para poder realizar suas atividades

Dilema da relação com as instituições e partidos

Outra forte questão que aparece no movimento negro contemporâneo, especialmente no local, é a questão da disputa eleitoral e das relações com a institucionalidade. Temos aqui a observação da falta de representantes do movimento nos diferentes níveis do estado, o fortalecimento das noções de representatividade e a crítica à falta de espaço nos partidos de direita e de esquerda. A disputa pela efetivação e ampliação de pautas históricas do movimento negro como a das cotas, da revisão acerca da história e contribuição negra, bem como a necessidade de políticas públicas com um olhar racializado, evidenciam uma tônica presente nos discursos das lideranças políticas do movimento: a disputa pelo poder é central e ela perpassa a disputa das eleições. Além disso, a partir das entrevistas, temos exemplos individuais sobre como a relação com as instituições formais e a política representativa praticam o racismo estrutural, deixando marcas dolorosas e também evidências acerca da distância entre o movimento e a negritude em relação aos centros do poder.

Dilema sobre o lugar da cultura e dos debates interseccionais

Nas entrevistas, o lugar da cultura é visto como um dos “braços” do movimento negro na cidade. Entretanto, se difere de uma parcela “mais política” do movimento, representada por um ativismo em busca de políticas públicas pró-negritude. Para alguns dos entrevistados, é preciso que essas duas vertentes do movimento também se unam em um prol de conquistas coletivas, pois, no momento, andam separadas e defendendo somente seus lados. Chama a atenção e incomoda, segundo algumas pessoas, o fato de festividades atraírem mais público, em contrapartida a encontros e reuniões, mesmo que pautando a questão do genocídio contra a população negra, por exemplo. Outra crítica apresentada foi a atenção dada à cultura negra e às questões relativas às identidades interseccionais, ou “identidades culturais” (como Cida Costa disse) onde estas tem feito com que o movimento deixe de reivindicar questões materiais e econômicas, como o aumento salarial e de emprego. Essa atenção maior dada à pauta “culturalista” fez com que a atenção se dividisse, enfraquecendo espaços como conselhos e “lutas” efetivas para o conjunto da negritude, segundo entrevistados.

Dilema geracional

O entendimento sobre a juventude negra é imperativo. Seja pela visão da necessidade de oferecer um futuro ao grupo ou por estes serem vítimas de um processo de genocídio. No que se refere às suas práticas e modos de ser, o que chama a atenção na cidade é a questão dos bailes funks. Na análise dos entrevistados, porém, os bailes funks são uma questão e a juventude negra - a que não está nessas festas - é outra. Isso porque os bailes representam uma situação mais delicada, literalmente de vida ou morte, de lazer e cultura. Por sua vez, a outra parte dessa juventude é mais discutida em suas possibilidades de atuação e protagonismo político. Nas falas, percebe-se um tom desolador em relação à essa última, seguindo uma ideia de que a juventude negra sorocabana - que em um passado recente estava nas ruas, nos movimentos sociais, estudantis e no movimento hip-hop - hoje saiu delas. E se permaneceu, está nos bailes, correndo riscos e provocando a ira de muitos moradores das periferias. O que se evidencia nas falas sobre a juventude, perpassando comentários sobre os bailes, é a questão das faltas que a juventude possui: falta de espaços de lazer, de acesso à cultura, de educação e de emprego. Entende-se os bailes, por exemplo, não como necessariamente um problema, mas sim um sintoma e uma novidade que exemplifica a realidade do jovem

negro periférico.

Conclusões

O que procurei trazer é um entendimento de que há uma identidade compartilhada entre esse movimento, mas que é pulverizada, fragmentada e diversa. Tem a sua força constituída tanto por organizações locais como também pelos novos desdobramentos nacionais e internacionais dessa luta. Isso é uma potência, agora, se será traduzido em conquistas efetivas no futuro, é preciso esperar e ver. Ao terminar as entrevistas, observei que de forma geral, o movimento negro em Sorocaba tem vivido um momento de tensão entre si. A grande dificuldade é em se mobilizar conjuntamente e com isso, propor políticas públicas de promoção da população negra e contra o racismo.

A pesquisa permite afirmar que no momento o movimento vive um acúmulo de perdas e dificuldades para se estruturar. Essas dificuldades são vivenciadas por outros movimentos sociais e derivam de um desgaste das formas institucionais e tradicionais de participação, das necessidades impostas pelo capitalismo, de um embate entre antigas e novas gerações, da dificuldade em trazer as comunidades locais e de mudanças acerca dos paradigmas de identidade, raça, gênero e classe - em muito pelo crescimento do debate interseccional. O movimento negro a nível municipal tem como desafio conseguir se envolver nas lutas e debates nacionais, relacionando-os às reivindicações locais de modo a envolver a comunidade e o conjunto do movimento, procurando encontrar formas de engajar a juventude e também de receber suas demandas. O contexto atual - de crescente interesse pelo debate racial - abre uma janela de oportunidades para expor as ideias, mas também fecha outras, exigindo a reinvenção de enquadramentos interpretativos (ALONSO, 2009), circuitos e redes, pois, como mostrou a pesquisa, os movimentos estão em um momento histórico de retração.

Frustração, medo e crítica estão presentes nas falas das entrevistas e podem até se verificar na prática, mas verifiquei também com as etnografias que há muitas potencialidades acontecendo e se gestando. O movimento tem conseguido manter suas conquistas tais como a feira crespá, que reúne cerca de três mil pessoas anualmente; a tradicional semana do hip-hop, que é um encontro da periferia no centro; a sustentação do orçamento do carnaval e a semana de saúde da população negra. Ademais, hoje tem-se um envolvimento maior de lideranças na disputa eleitoral e uma certa estabilização de um ciclo de protestos, como o de 20 de novembro; em março e dezembro o ato pelas vidas negras (o primeiro, advindo da morte de Marielle Franco e o segundo da morte do rapper e locutor local Dinho) e em julho, o ato do dia da Mulher Negra, Latina e Caribenha. Além disso, as pautas da implementação da lei 10.639 no currículo escolar, o protocolo municipal de atendimento às vítimas de racismo e o programa municipal de saúde da população negra não pararam e estão sendo objetos de disputa pelo movimento. Outra potência desse movimento, na rua e na internet, é ver adolescentes e crianças expondo seus cabelos, desenvolvendo amor pela sua negritude e (re) conhecendo sua história.

Essas potencialidades geram resultados e cenários diversos que também podem ser explorados pelo movimento local, a fim de reverter o quadro citado de certo enfraquecimento, estabilização e retrocesso para a luta antirracista e para a população negra. Portanto, em meio aos dilemas e desafios, há potencialidades para o movimento negro local.

Referências bibliográficas

- Alonso, Angela. **As Teorias Dos Movimentos Sociais: Um Balanço Do Debate**. Lua Nova, São Paulo, N. 76, P. 49-86, 2009.
- Carneiro, Aparecida Sueli. **A Construção do Outro como Não-Ser como fundamento do Ser**. FE-USP (Tese de doutorado), 2005
- Domingues, Petrônio. **"Movimento Negro Brasileiro: Alguns Apontamentos Históricos"**. Tempo, Vol. 12, No. 23, Pp. 100-12. Editorial Universidade Federal Fluminense, 2007
- Dos Passos, Joana; Nogueira, João. **Movimento Negro, Ação Política E As Transformações Sociais No Brasil Contemporâneo**. Florianópolis Revista Política E Sociedade V.13. n. 28, 2014.
- Gomes, Nilma Lino. **Corpo e cabelo como ícones de construção da beleza e da identidade negra nos salões étnicos de Belo Horizonte**. Tese de Doutorado. Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, 2002.
- McAdam, Doug; Tarrow, Sidney; Tilly, Charles. **Para mapear o confronto político**. Lua Nova, São Paulo, n. 76, p.11-48, 2009.
- Rapp, Rafael Petry; Silva, Mozart Linhares Da. **Movimento Negro No Brasil Contemporâneo: Estratégias Identitárias e Ação Política**. Revista Jovens Pesquisadores, Santa Cruz Do Sul, Ago. 2011
- Rios, Flávia **Movimento negro brasileiro nas Ciências Sociais (1950-2000)**. Sociedade e Cultura, v.12, n. 2, p. 263-274, 2010.
- Scherer-Warren, Ilse. **Das mobilizações às redes de movimentos sociais**. Soc. estado., Brasília, v. 21, n.1, p.109-130. 2006.